



EDUCAÇÃO HISTÓRICA, PIBID E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS¹²

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3394

Sávio Maia Rodrigues, UFMS

<p>Palavras Chave: Educação História; Diversidade; Relações Étnico-Raciais; Umbanda; Candomblé.</p>	<p>Resumo</p> <p>O presente trabalho busca mostrar algumas reflexões oriundas da prática docente desenvolvida por meio de uma Oficina intitulada “Candomblé e Umbanda na música popular brasileira” aplicada em uma escola pública estadual do Mato Grosso do Sul. Para contextualizar, cabe dizer que o trabalho foi desenvolvido junto ao grupo do PIBID – História da UFMS/CPTL, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Hecko (Coordenador de Área) e partiu de reflexões acerca da Educação Histórica e do campo de possibilidades que ela abre para a discussão sobre questões em torno da História e Cultura Afro-Brasileira. Neste sentido, apresentaremos o caminho que percorremos na execução da Oficina: a Oficina contou com atividade diagnóstica, aulas expositivas acerca do negro na História do Brasil e uma atividade final buscando observar a possível mudança na forma de pensar o racismo, preconceito e pluralidade étnica na sociedade contemporânea. Em linhas gerais, portanto, problematizou-se um conjunto de temas do cotidiano dos alunos que possui raízes históricas e devem ser necessariamente refletidas na vida prática dos sujeitos. Por fim, mostraremos algumas perspectivas levantadas a partir do olhar sobre as atividades desenvolvidas.</p>
---	--

¹ Trabalho desenvolvido pelo grupo PIBID-História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus de Três Lagoas-MS junto a coautoria de Pedro Henrique D. da Costa.

² A expressão “*e africanas*” foi removida do título original desse trabalho por nos atentarmos que a Oficina desenvolvida foi concentrada apenas no Candomblé e na Umbanda, religiões afro-brasileiras.

Justificativa

Ao pensarmos nas propostas e possibilidades do ensino de História, principalmente no Brasil, nos deparamos com uma grande diversidade de análises e práticas desse ensino, muito por conta das diferentes realidades que se podem notar dentro de nossas escolas. Além disso, o conhecimento histórico em sua natureza é também diverso; suas produções historiográficas e educacionais abordam variadas fontes, temas e problematizações, tendo como consequência inúmeras diferenças acerca das perspectivas para se pensar o ensino de História, entre as quais aqui se recorta a chamada Educação Histórica.

Um fator que surge no que tange as reflexões sobre Educação Histórica é o de que precisamos levar em consideração alguns elementos externos da comunidade escolar, devido a crescente atomização das tecnologias, isto é, o avanço e o, cada vez maior, acesso da população às redes de internet, aplicativos, sites, além da, ainda importante, televisão, entre outros suportes comunicativos e informativos, que fizeram com que fosse preciso diferenciar o conhecimento histórico entre o saber informal e o saber escolar (SCHMIDT, 2012).

Tendo isso em vista, nosso grupo PIBID, no âmbito da formação do professor de História, procurou identificar elementos essenciais no que diz respeito a Educação Histórica: desde a sua própria história, sua produção historiográfica, as diferentes alternativas nos processos avaliativos, até na identificação de novas propostas metodológicas e estratégias de didática para uma prática escolar cada vez menos burocrática e repetitiva e mais ampla, mais interdisciplinar, ou seja, mais impulsora de debates do que de alienação.

Ao compreender toda essa somatória de elementos que contribuem e permeiam a formação de professores durante a licenciatura e por toda a carreira profissional (é o que se espera, pelo

menos), passamos a analisar as funções do ensino de História para além da relação ensino-aprendizagem, isto é, os usos do conhecimento histórico, dos saberes formados em uma sala de aula, na vida cotidiana e prática dos alunos.

Neste contexto, é indispensável considerar as referências que o historiador alemão Jörn Rüsen traz para nossa reflexão acerca da Educação Histórica, principalmente suas proposições quanto ao desenvolvimento de uma consciência histórica em concordância com o conhecimento histórico e a didática da História. Para este autor:

A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. [...] pode ser analisada como um conjunto coerente de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana (2011, p.14)

Ainda com base nas considerações de Rüsen, mas levando em conta as produções de Isabel Barca (2001) e de Luiz Fernando Cerri (2001) na mesma proporção, podemos identificar a importância da Educação Histórica, fortalecendo a ideia de não ser uma disciplina apenas constituinte no currículo escolar, mas que produza significados e conhecimentos que vão além “dos muros da escola”, que acrescente na formação do cidadão e na identificação deste como indivíduo histórico.

Não obstante, quando se visita determinadas escolas no contexto brasileiro, a grande maioria de alunos e alunas não reconhecem o ensino de história como tal, ou seja, não articulam a importância da história para compreender as relações entre passado, presente e futuro, impossibilitando a contribuição para a vida prática. Dessa forma, Rüsen, em outro ensaio, dá um alerta:

Somente quando a história deixar de

ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendiz e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana (2010, p.44).

Objetivos

É neste contexto que as aulas-oficina desempenhadas pelo grupo PIBID, além de propor novas práticas pedagógicas dentro de sala de aula, possuem também um dever de “investigação social”. Ao buscar entender e interpretar o mundo dos alunos, a realidade da escola e o que pode ser feito para que todo o contexto relacionado à Educação no Brasil encontre perspectivas cada vez mais dinâmicas e funcionais, leva em consideração a condição de quem aprende e de quem ensina.

Nesse sentido, a Oficina realizada com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública estadual na cidade de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, intitulada “Candomblé e Umbanda na música popular brasileira”, objetivou apresentar e discutir a presença e a influência das religiões afro-brasileiras na música popular brasileira, através de compositores como João da Baiana, Donga e Pixinguinha.

Com isso, o objetivo se estabelecia na tentativa de se fazer compreender a importância e as contribuições das religiões afro-brasileiras como parte das manifestações culturais brasileiras, além das suas funções religiosas. Objetivo esse que intencionava também desmistificar a visão demonizada das religiões afro-brasileiras, mostrando assim seus reflexos na atualidade através da música.

Motivados por tais objetivos e buscando, inicialmente, identificar as

características de aprendizagem dos alunos, o que permite um avanço na escolha do modo de ensino mais adequado, ou seja, uma averiguação das aptidões, dos interesses e das capacidades e competências enquanto pré-requisitos para futuras ações pedagógicas na turma, a atividade diagnóstica, que aprofundaremos posteriormente, ao problematizar questões individuais sobre o tema, se constituiu como parâmetro essencial na tentativa de trazer novas perspectivas para a realidade de cada aluno.

Para tanto, levamos para a sala de aula biografias dos compositores, influências religiosas em seu repertório musical, e por fim, exibimos uma canção de cada compositor a fim de discutir com os alunos o que a letra representava. No entanto, para que isso se tornasse possível, era preciso, primeiramente, contextualizar os alunos sobre o recorte histórico com o qual estávamos trabalhando, no caso o contexto de formação das religiões afro-brasileiras no período colonial. Além de enfatizar a história do negro escravizado no Brasil, apontando suas origens e práticas nas diversas localidades do continente africano, deixando claro, que possuíam entre eles culturas distintas, e não constituíam, portanto, uma unidade social, fator que acaba explicando esse misto de características encontradas nas religiões afro-brasileiras.

Desse modo, também destacamos as práticas ora repressivas e ora “tolerantes” da Igreja Católica, dificultando a formação de grupos de resistência e explicando também, de certo modo, a presença de características cristãs nas religiões de matrizes africanas, a exemplo da Umbanda. É dessa repressão que se deu a marginalização desses cultos que após a abolição dos escravos e a mudança de muitos deles para as cidades, foram, cada vez mais, sendo transferidos para os fundos das casas de seus praticantes, em cortiços a margens dos grandes centros urbanos, onde até hoje

permanecem.

Em meio a isso, no decorrer das primeiras aulas, salientamos, algo que Rita Amaral e Wagner Gonçalves da Silva (2006) trouxeram à tona quando analisaram a respeito das religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro:

Nas religiões afro-brasileiras a música desempenha um papel fundamental. É um dos principais veículos por meio dos quais os adeptos organizam suas diversas experiências religiosas e invocam orixás, caboclos e outras entidades espirituais que os incorporam em festas, giras, sessões e outras cerimônias coletivas (2006, p.190).

Resultados

Logo, nesta Oficina, o papel do Ensino de História se enquadra, entre diversas possibilidades, entre elas a de desconstrutor de saberes já consolidados nos alunos, que são oriundos do chamado senso comum, tais como expressões de ideologias que precisam ser superadas por serem portadoras de preconceitos e que intensificam comportamentos discriminatórios. Pensando nisto, inicialmente foi aplicada uma atividade diagnóstica de forma oral, por diálogos informais com os alunos sobre as religiões afro-brasileiras na atualidade e, por fim, a atividade diagnóstica na forma escrita, na qual, os alunos deveriam responder a duas perguntas: “*O que você acredita ser racismo?*” e “*O que você sabe sobre religiões de origem africana?*”.

Quanto à primeira questão, as respostas foram variadas em diversos sentidos: alguns ampliavam o significado para além do conceito de hierarquia étnica, no qual uma etnia se sente superior a outra; admitiam como atos de racismo a adjetivação aleatória e pejorativa de

colegas de classe. A título de exemplo, segue uma resposta:

“Racismo é xingar as pessoas de gordas, feias (os), cabrita, burra e etc.”³.

Por outro lado, identificamos que a maioria conseguiu compreender de fato a noção do que se caracteriza como racismo, por muitas respostas conterem referências às consequências da escravidão, à intolerância religiosa e preconceito. Vejam-se os exemplos a seguir:

“Racismo é um preconceito pelas religiões e cor da pele, principalmente os negros escravos”.

“Pra mim, racismo é um preconceito, quando julgamos a pessoa por causa do que ela é ou qual é a sua religião, sem conhecê-la por dentro”.

“Na época da escravidão, os negros eram considerados inferiores aos brancos. Na época da escravidão, os brancos tinham mais poder que os negros, que não podiam fazer nada só porque eram negros”.

Quanto à segunda pergunta, as respostas foram mais objetivas e muitos apenas escreveram “*não sei*”, o que não é problema algum, se tratando de uma atividade diagnóstica, embora, muitas crianças ainda tenham conseguido evidenciar elementos sobre as religiões afro-brasileiras baseados nos relatos que trazem do cotidiano.

As aulas seguintes consistiram em apresentar os cantores e suas composições, expondo as características que deram início aos primeiros sambas no Brasil. Após a reprodução da música, os alunos eram instigados a relacionar o conteúdo da letra musical com elementos que compõem as religiões afro-brasileiras.

No caso do samba [...] sabe-se

³ A transcrição das respostas segue tal qual os alunos escreveram, contendo as características de escrita de cada um.

que sua origem está ligada à religiosidade dos grupos *bantu* trazidos para o Brasil. Esse ritmo, tocado sobretudo em terreiros de candomblé de Angola, e posteriormente, na umbanda (AMARAL; SILVA. 2006, p.191).

Para contextualizar, foram apresentadas as seguintes canções: “Pelo Telefone”⁴ de Donga, “Yaô”⁵ de Pixinguinha e “Quê Rê Quê”⁶ de João da Baiana. Por fim, como encerramento da Oficina, trabalhamos com a notícia⁷ de uma menina de 11 anos que foi apedrejada quando saía de uma festa de Candomblé e propusemos a seguinte problematização como uma forma de produção final, mais direcionada para uma reflexão do que para uma composição material: *Por que você acha que acontece o preconceito?* Aqui, é importante destacar algumas respostas das crianças:

“Porque as pessoas não respeitam as religiões ou modos de pensar. Se as pessoas respeitassem os outros... Eu acho que também acontece preconceito porque as pessoas julgam as outras sem pensar”.

“Porque as pessoas não têm consciência e nem conhecimento no que falam sobre outras pessoas. Sim, todos já sofreram preconceito e eu também, todos sofrem demais com o preconceito. Não importa se é negro, branco, cristão, candomblé, umbanda. A gente deve amar as pessoas do jeito que elas são”.

“Eu acho que as pessoas não conhecem a religião e nem sabem o que é macumba e acabam julgando a pessoa e até agredindo, julgando o livro pela capa”.

Além disso, nas últimas aulas, com a utilização de slides projetados em tela grande, foi possível discutir mais

profundamente as características que compõem as religiões de Umbanda e do Candomblé, suas diferenciações e semelhanças, suas práticas, identificando os elementos sagrados, os cultos, oferendas, etc. A partir de tais propostas, de uma maneira geral, se pôde perceber um grande avanço das ideias centrais que foram propostas durante o planejamento da Oficina, tanto acerca das características das crenças por si só, quanto as suas relações com a música popular brasileira.

Notavelmente conseguimos despertar um certo senso crítico nos alunos, principalmente por atentar em pontos fundamentais da própria realidade deles, como as noções do que eram a *macumba*, os *orixás* e os *terreiros*, dos quais eles já tinham ouvido falar (conhecimento do tipo senso comum), mas não sabiam o que realmente significava. Desta forma, desconstruímos algumas ideias do cotidiano, tentando assim, ao lembrar a cada aula a origem do racismo no Brasil (processo de escravidão e etc.), do preconceito religioso, dentro outras considerações, formar uma consciência histórica a respeito do tema trabalhado.

Fatos curiosos não deixaram de acontecer, principalmente comentários sobre o que entendiam ser *macumba*, ocasionando diálogos que possibilitaram a percepção preconceituosa que possuíam. Por outro lado, também houve surpresa ao saberem que o fato de utilizarem vestimentas brancas em períodos como o Ano Novo ser uma prática proveniente das religiões afro-brasileiras, ao se vestirem de tal forma para simbolizar a purificação espiritual e homenagear Iemanjá (rainha das águas e dos mares) na virada do ano.

⁴ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=woLpDB4jjDU

⁵ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=uaco8h5lrTM>

⁶ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tZimrDpyOQY>

⁷ Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/vitima-de-intolerancia-religiosa-menina-de-11-anos-apedrejada-na-cabeca-apos-festa-de-candomble-16456208.html>

É válido lembrar que nós “Pibidianos” possuímos um período de observação que antecede a realização da Oficina, para que nossa presença na sala não seja de forma alguma intrusiva. Sendo assim, no quesito participação dos alunos, essa atividade de observação prévia acabou criando uma proximidade com os alunos, contribuindo para que as respostas nas atividades diagnósticas e avaliativas evidenciassem que boa parte do que foi discutido em sala fora consolidado na consciência da grande maioria dos estudantes.

Considerações Finais

A aplicação da Oficina sobre “Candomblé e Umbanda na música popular brasileira” pelo nosso grupo PIBID, conseguiu avançar em novos debates e possibilidades da Educação Histórica no que tange às propostas pedagógicas e diversidades de temas, pois ao partir de pressupostos analisados entre a realidade do aluno de uma escola pública três-lagoense e os conhecimentos específicos relativos ao assunto abordado, a formação de uma consciência histórica se tornou possível.

No intuito de reverenciar o legado cultural, social e religioso trazido pelos povos africanos ao longo da nossa história, essa análise das práticas pedagógicas fomentadas pelo grupo PIBID traz contribuições didáticas e metodológicas no ensino de História. Cabe lembrar, por fim, que esse trabalho não abrange todas as categorias de análises possíveis para se entender a real importância das práticas educativas

voltadas ao tema das culturas e das religiões afro-brasileiras. O intento foi que as perspectivas aqui apresentadas possam influenciar diversos projetos que busquem pensar o racismo, o preconceito e a pluralidade étnica na sociedade brasileira que, ainda hoje, sofre por atitudes e comportamentos decorrentes das nossas raízes históricas.

Referências

AMARAL, Rita e SILVA, Wagner Gonçalves da; *Foi conta para todo canto: As religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro*. Afro-Ásia, 34 (2006), 189-235.

BARCA, Isabel. *Educação Histórica: uma nova área de investigação*. Revista da Faculdade de Letras. Porto, III Série, vol.2, 2001. pp. 13-21.

CAMILO, Fabiano Paula; NUNES, Carlos Geovane. *A importância da cultura Afro-Brasileira dentro das escolas: utilizando a educação musical através das cantigas de domínio público do samba de terreiro*. Revista Formação Docente, vol.7, nº 1. Belo Horizonte. 2015.

CERRI, Luiz Fernando. *Os conceitos de Consciência Histórica e os desafios da Didática da História*. Revista de História Regional 6(2): 93-112. Inverno, 2001.

PEÇANHA, João Carlos de Souza. *A Trindade da Música Popular (Afro) Brasileira - João da Baiana, Donga e Pixinguinha: Redimensionamentos das contribuições das matrizes africanas na formação do choro e do samba*. Instituto de Artes UNB. Brasília, 2013.

RÜSEN, Jörn. *Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão*. In: Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba, Ed UFPR, 2011.

RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o ensino da história*. Ed. UFPR. Curitiba, 2010. p. 41-48.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. *História do Ensino de História no Brasil: Uma proposta de periodização*. Revista História da Educação - RHE Porto Alegre v. 16 n. 37 Maio/ago. 2012.